

## Propostas de mecenato e de figura do investidor devem captar mais investimento

Num ano marcado pela criação de entidades vocacionadas para o incremento do empreendedorismo, o Governo recebeu duas propostas que, a concretizar-se, vão impulsionar a iniciativa empresarial. A constituição de um estatuto de mecenato ao empreendedorismo foi o primeiro dos apelos. Através do Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal (IFDEP), o documento foi endereçado a José Sócrates, solicitando a criação do mecenato à iniciativa empresarial.

O IFDEP defende que o mecenato pode incrementar a cultura empreendedora, impulsionando a iniciativa empresarial. O mecenato aplicado ao empreendedorismo poderá fazer aumentar o número de empresas com preocupações de responsabilidade social. Mas para haver mais empresas a apoiar iniciativas empreendedoras, é impor-



tante o estabelecimento de benefícios fiscais que incentivem as organizações. O documento do IFDEP sugere ao Governo a atribuição desses benefícios, desde que as empresas passem a investir em acções de responsabilidade social. Na apresentação da proposta, o instituto argumenta com a resolução da dependência pública ao nível do financiamento de novos projectos empresariais. Os organismos ligados ao empreendedorismo passarão a contar com apoio e capital privados.

### Figura de investidor aguardada para o início de 2007

A figura de investidor foi proposta o mês passado pela Comissão de Mercados de Valores Mobiliários. A CMVM sugere a criação daquela função no âmbito da alteração do quadro jurídico das sociedades e

### Proposta deve passar à prática no início do próximo ano

dos fundos de capital de risco. O reconhecimento do ICR – Investidor de Capital de Risco dará um maior reconhecimento da figura de “business angels”. O documento da CMVM esclarece que, “reconhecendo-se a inexistência de uma rede que ligue os designados business angels às oportunidades de investimento em sociedades com elevado potencial de desenvolvimento, propõe-se a introdução, no ordenamento jurídico nacional, da figura dos Investidores em Capital de Risco (ICR)”. A alteração deverá “reafirmar o papel do capital de risco enquanto pilar fundamental no desenvolvimento da competitividade da economia nacional”, acrescenta a mesma proposta. No entender da CMVM, importa “reformular alguns aspectos do actual regime, tendo em vista fomentar um ambiente mais empreendedor e profissional e simultaneamente criar condições para que o capital de risco assuma em Portugal uma dimensão idêntica àquela que adquiriu na generalidade dos países mais desenvolvidos da OCDE”. Quando a proposta for aprovada, o que está previsto para o início do próximo ano, a realidade destes investidores passa a ter mais força na promoção de novos projectos, contribuindo para o desenvolvimento da economia portuguesa.

GABRIELA RAPOSO  
g.raposo@vidaeconomica.pt

### O QUE SÃO BUSINESS ANGELS?

São investidores individuais, normalmente empresários ou directores de empresas que investem, a título particular, o seu capital, conhecimentos e experiência em projectos liderados por empreendedores que se encontram em início de actividade.

O objectivo deste investimento é a sua valorização a médio prazo, na expectativa de que posteriormente se possa alienar o capital investido a outros interessados.

# Importantes passos impulsionam o empreendedorismo

Apesar de os estudos internacionais apontarem para uma incipiente cultura empreendedora em Portugal, este ano foi marcado por vários passos que dão mais força à iniciativa empresarial. Foi em 2006 que surgiu a Associação Portuguesa de Business Angels, a Federação Nacional de Associações de Business Angels e a Aprender a Empreender. Foi também neste ano que surgiu a proposta para a criação do mecenato do empreendedorismo.

Se o país costuma ser associado à falta de iniciativa empresarial e de cultura empreendedora, os passos dados ao longo de 2006 poderão atenuar a ausência de inovação. São medidas e novas entidades que surgiram para apoiar – técnica e financeiramente – a criação de novos projectos empresariais. Logo no início de 2006, a multinacional Júnior Achievement (JA) decide criar em Portugal a Associação Aprender a Empreender. Um organismo que, tal como o nome indica, pretende ensinar os mais jovens a serem empreendedores.

Com o lema “Não se nasce empreendedor, aprende-se”, a entidade liderada por Joana Loureiro tem como objectivo fazer a ponte entre os ensinamentos

### Quando o apoio necessário não é apenas financeiro

Para aumentar o número de empreendedores é fundamental estarem reunidas as condições e o ambiente ideal para a concretização do projecto. O papel dos “business angels” é estratégico para os potenciais empreendedores se sentirem mais seguros com o “know-how” que estes “padrinhos” podem conferir ao projecto. Em Portugal, estas figuras ainda são em pequeno número, quando comparadas com outras realidades. Foi a pensar no incremento desta função e sua credibilização que surgiu em Março deste ano a Associação Portuguesa de Business Angels (APBA). O organismo foi criado para



sico e secundário e as empresas. Tal como nos outros 40 países onde a JA está presente, a associação nacional visa despertar o interesse e atenção dos alunos mais pequenos para o espírito de iniciativa, quando trabalharem por conta própria ou para terceiros. Depois de a Aprender a Empreender ter ensinado 1075 alunos do 9º ano de sete escolas públicas da Grande Lisboa, com o apoio e a experiência de empresários portugueses, a associação definiu 2007 o ano do alargamento. Ou seja, a congénere portuguesa vai implementar o programa bandeira da JA. Em formato piloto, o Programa Empresas vai ser desenvolvido no ano lectivo de 2007/08, entre os alunos do 10º ao 12º anos de escolaridade. Este programa visa que os alunos criem e façam a gestão de uma empresa em ambiente real durante um ano.

Para Joana Loureiro, a criação da Aprender a Empreender surgiu no “momento certo”. Isto porque as competências e valências da organização vão de encontro com a estratégia do Governo, apostada no incremento da iniciativa empresarial através da inovação. A responsável acredita que nos próximos anos vão existir mais empreendedores.

estabelecer o contacto entre criadores de ideias ou projectos e potenciais investidores. Na prática, a APBA vai ao encontro do “anjo” que melhor encaixa com um determinado projecto de empreendedorismo. Nessa ponte, a entidade presidida por João Trigo da Roza vai ao encontro de alguém com experiência empresarial e com capital financeiro para aplicar em projectos inovadores.

Após a criação de uma associação nacional que profissionaliza a figura do “business angel”, surge a federação, que aglomera todas as associações e clubes do país. No mês passado, cinco entidades representativas de “business angels” constituem a Federação Nacional de Associações de Business Angels (FNABA). A mais representativa entidade de anjos de negócios tem a vantagem de prestar um apoio mais regional e local. Quer isto dizer que, através do intercâmbio entre clubes, os projectos têm um mais adequado e vasto leque de potenciais investidores. Segundo o presidente da FNABA, Francisco Banha, com o aparecimento da entidade, que visa reforçar as ligações com as suas congéneres internacionais, o estatuto de business angel vai ganhar peso junto dos responsáveis governamentais.

GABRIELA RAPOSO  
g.raposo@vidaeconomica.pt